

O NOVO FIO DE ARIADNE. LITERATURA PARA CRIANÇAS E JOVENS EM FIM DE SÉCULO*

GLÓRIA BASTOS**

1. Novos caminhos na Literatura para Crianças e Jovens

Gostaria de iniciar a minha intervenção recordando aspectos contextuais mais ou menos recentes mas de extremo significado para o domínio literário aqui considerado – o da literatura contemporânea dirigida preferencialmente a crianças e jovens.

Neste sentido, é um facto que a revolução acontecida a 25 de Abril de 1974 trouxe consigo alterações profundas a vários níveis. O tecido social conheceu novas dinâmicas, a que não foi alheio o fim da censura e a instauração da liberdade de expressão; as condições económicas sofreram melhorias significativas, também uma nova consciência cultural tinha oportunidade para se começar a impor.

Em relação à escrita para crianças, ficaram então decisivamente a pertencer ao passado tempos em que imperava uma perspectiva fechada face ao mundo exterior. Bem representativas deste espírito são as **"Instruções Oficiais"** sobre literatura infantil que a Direcção dos Serviços de Censura publicava em 1950. Ao lado de preocupações manifestadas com a parte gráfica, que vão desde considerações sobre a qualidade do papel, ao tipo de letra e às cores, encontramos um conjunto de observações que esclarecem quanto às "orientações" que a literatura para os mais novos deveria assumir. A questão dos valores a transmitir constitui o núcleo central desse texto, que aponta, de forma sistemática, os temas a escolher e os aspectos a reprovar. Nessa linha, destaca-se, por um lado, a necessidade de imprimir um "cunho nacional" a essa literatura, constituindo, por exemplo, a História uma fonte

O texto aqui apresentado retoma ideias já explanadas em Bastos, 1999.

útil de "episódios edificantes", enquanto por outro se escreve que se deseja "evitar a excitação imoderada das crianças e dos jovens, furtando-os aos escritos impregnados de inveja pelos gozos de que porventura desfrutem os mais favorecidos pela fortuna, ou incitadores de lutas sociais", ideia esta retomada em diferentes parágrafos. Sente-se aqui, com nitidez, os receios perante as novas configurações que o mundo vinha assumindo com o final da 2ª Grande Guerra, ao mesmo tempo que se desenhava um certo ostracismo que sabemos ter condicionado toda a nossa evolução: "Parece desejável que as crianças portuguesas sejam cultivadas, não como cidadãos do Mundo, em preparação, mas como crianças portuguesas que mais tarde já não serão crianças, mas continuarão a ser portuguesas."

Aliado a estes aspectos convém não esquecer que, em contexto escolar, a existência do **livro único** consistia em mais uma forma de controlar a situação, e os textos escolhidos para figurar nos manuais são representativos dos valores e modelos que se pretendiam veicular.¹

No panorama editorial, ao lado de historinhas sem "história", surgem todavia alguns nomes que se incluem no conjunto dos nossos melhores escritores para crianças. Sophia de Mello Breyner Andresen, Matilde Rosa Araújo, Ricardo Alberty, Ilse Losa iniciam a sua actividade nesta área no final da década de 50. Sendo autores distintos, nas áreas privilegiadas e nas orientações pessoais de escrita, todos eles partilham, no entanto, uma atenção particular pela criança e por uma literatura que se lhes dirige sem infantilismos e em que a qualidade é requisito fundamental.

Mas fora honradas excepções, protagonizadas entre outros, pelos autores acima mencionados, muitos dos livros destinados então à leitura infantil e juvenil apresentavam uma **visão idílica e edulcorada** do universo da criança, escamoteando, nomeadamente, as múltiplas dificuldades que reconhecidamente então se enfrentavam – problemas sociais vários, entre os quais a questão da guerra colonial e da imigração, que estariam aliadas, com alguma frequência, à problemática da separação, da solidão e da morte; as realidades difíceis da vida quotidiana, com o trabalho infantil, as limitações da vida rural, o deficiente acesso à cultura, etc.

Alguns ecos desta problemática social surgem, por exemplo, em poemas de Matilde Rosa Araújo, nomeadamente nas obras *O livro da Tila* (1957) e *O cantar da Tila* (1967), onde podemos encontrar poemas como "Apontamento":

Ó rapaz calado e pobre
 Varrendo as folhas do chão
 A tua face descobre
 O espelho da solidão.

Com teu carrinho de folhas,
Descendo pela avenida,
Se por acaso me olhas
Tenho vergonha da vida.

Diz que perdoas meu fato
Junto do teu abandono,
Moço de fato-macaco,
Que varres folhas de Outono...

Mas é, sobretudo, com a **eliminação dos fortes condicionantes** existentes face à livre circulação das ideias verificada a partir de 1974 que se abrem realmente novas possibilidades para a Literatura infantil e juvenil. Significativamente, a nível internacional, 1974 é também o Ano Internacional do Livro Infantil e 1979 será o Ano Internacional da Criança, acontecimentos que, aliados às novas posturas face à criança e à sociedade, vão acarretar mudanças significativas no entendimento do livro e da educação infantil. Um resultado deste novo posicionamento é a introdução, por exemplo, do estudo da literatura para crianças nas escolas do Magistério Primário, depois da Revolução.

No **campo editorial** assistiu-se progressivamente a um aumento não apenas no volume das edições como na abertura ao aparecimento de novos autores. E os anos 80 devem ser justamente considerados como um novo período de "ouro" - nos parâmetros de qualidade e quantidade - da nossa história da literatura para crianças e jovens, pelo que não pode deixar de nos vir à memória um certo paralelismo com uma outra década de 80...²

Várias **iniciativas institucionais** contribuíram igualmente para a consolidação do papel e importância do livro para crianças no nosso panorama cultural. O aparecimento de diversos prémios literários é, talvez, uma das facetas mais conhecidas - refiram-se, entre outros, os prémios "O Ambiente na Literatura Infantil" da Secretaria de Estado do Ambiente, em 1976, o "Prémio de Teatro Infantil", da Secretaria de Estado da Cultura, em 1978, o "Prémio Calouste Gulbenkian", iniciado em 1980; a que se têm vindo juntar, mais recentemente, os prémios de ilustração e de tradução. Mas outras áreas têm, nos últimos anos, determinado novas perspectivas para a leitura infantil. Um particular destaque para o significativo alargamento da rede de **bibliotecas públicas**, com a integração de salas para crianças e jovens, por vezes com dinâmicas de funcionamento extremamente interessantes e activas, numa relação estreita com as escolas, local onde agora se avança igualmente com a organização, com cariz institucional, de uma rede de bibliotecas escolares.

Novas vertentes na actividade de autores portugueses para crianças têm ganho terreno, embora de forma desigual, no panorama editorial mais recente. É assim que nos últimos anos em Portugal se tem vindo a acentuar particularmente **três tendências**: a escrita de séries de tipo aventura e mistério, o incremento de livros para os mais pequenos, com a intervenção marcante de alguns nomes nacionais, e o aparecimento de algumas obras significativas na área do livro-documentário ou de informação.

A este aspecto alia-se uma **abertura crescente** a formas de abordagem e a temáticas geralmente ausentes na nossa literatura. Factores que se prendem com novas problemáticas e um conjunto de preocupações que têm vindo a envolver as sociedades contemporâneas, incluindo a nossa, mas também uma maior abertura para o tratamento de determinados temas (alguns anteriormente considerados quase como tabus) nos livros dirigidos aos mais novos, tem originado o aparecimento de obras que propõem exactamente uma reflexão e abordagem novas de questões relacionadas com as crianças e jovens, quer prendendo-se mais directamente com a sua realidade quer remetendo para o seu lugar no mundo. Nessa diversidade temática debatem-se as dificuldades familiares, os problemas de integração social, racial ou cultural, a desmistificação de questões-tabu como a sexualidade, a morte ou o divórcio, ao lado de tendências do momento, como a ecologia e o pacifismo, ou o confronto com novos problemas como a droga e a sida.

2. A narrativa contemporânea para crianças e jovens

Na literatura para crianças, é sobretudo na área da narrativa – com o conto e a novela – que vem surgindo, ao longo das duas últimas décadas, um conjunto assinalável de obras procurando uma aproximação mais continuada ao mundo da criança e do jovem.

Ao elaborar uma **representação possível do real**, a narrativa permite à criança e ao jovem o contacto com problemas e factos que se prendem directamente com o seu universo. Alarga as experiências de vida, permite o contacto com pontos de vista variados, com diferentes formas de encarar e resolver problemas, com temas essenciais ligados ao eu individual e social. O facto de encontrarmos quase sempre uma criança ou jovem no centro da intriga e de esta se desenrolar de acordo com o seu ponto de vista (situação que o recurso a um discurso de primeira pessoa acentua), provoca uma maior adesão e empatia nos destinatários privilegiados.

Algumas destas obras enquadram-se, em termos de teoria literária, em facetas do chamado *Bildungsroman*, ou seja, o **romance de formação** que, segundo a definição proposta por Aguiar e Silva (1988: 730), “narra e analisa o

desenvolvimento espiritual, o desabrochamento sentimental, a aprendizagem humana e social de um herói". Nesta narrativa de formação, a personagem, "confrontando-se com o seu meio, vai aprendendo a conhecer-se a si mesmo e aos outros, vai gradualmente penetrando nos segredos e problemas da existência, haurindo nas suas experiências vitais a conformação do seu espírito e do seu carácter" (op. cit.: 731). Encontraremos, pois, estas características sobretudo na novela para crianças e jovens, embora com algumas nuances decorrentes do destinatário e das próprias dimensões das obras destinadas aos mais novos.

Também Peter Hunt (1991: 128) se refere à novela de "crescimento", esclarecendo que, ao contrário dos livros para os mais pequenos, em que geralmente existe um "sentido de fim", isto é, a completa resolução dos problemas, com um momento final em que o equilíbrio é restaurado (enfatizando-se assim um sentimento de segurança), neste tipo de novela pode-se não satisfazer todos os elementos de fechamento da acção. É que as personagens entretanto mudaram, e a história permanece, frequentes vezes, ambivalente. Pensemos, a título ilustrativo, em exemplos como a pequena novela de Luísa Ducla Soares, *O rapaz e o robô* (1995), em vários títulos de Alice Vieira e noutros casos da mais recente produção para pré-adolescentes.

Situando-se quer num domínio mais próximo da realidade, quer criando universos dominados pela fantasia, ou articulando de forma engenhosa essas duas vertentes, a moderna narrativa para crianças oferece ao seu potencial leitor uma gama multifacetada de temas. Oferece ainda um outro aspecto que o educador não pode descurar: a possibilidade de uma progressão linguística e semântica adequada ao desenvolvimento da linguagem da criança. A literatura infantil e juvenil do século XX facilita igualmente, segundo Mercedes Gómez del Manzano (1987: 14), uma **leitura projectiva do eu leitor**, conseguida sobretudo através do recurso a personagens próximas do universo da criança e do jovem:

As crianças que protagonizam a literatura infantil do século XX estão submetidas às mesmas situações de crescimento e de desenvolvimento da personalidade que as crianças leitoras. Os processos de identidade, previstos pelos psicólogos para as distintas idades da infância e da pré-adolescência, cumprem-se nestas personagens.

Oferecem, geralmente, duas dimensões de identificação: a **interiorização do eu**, em que se perfilam a evolução da afectividade, os processos emocionais, o descobrimento progressivo do sentimento moral e as interrelações da vontade e da inteligência, sublinhando-se a complementaridade entre pensamento-imaginação; e os processos de **inserção social**, desde níveis de integração familiar às múltiplas possibilidades que o grupo implica, por exemplo.

2.1 Perspectivas sobre o conto para crianças

As histórias que remetem para uma **observação do quotidiano**, onde se cruzam o universo da infância e o ambiente familiar constituem o núcleo mais significativo do conto para crianças.

Aí despontam aspectos vários, como as **histórias de crescimento**, de que *Eu também sou gente* (1982) de Ricardo Alberty é um exemplo, ou, numa vertente mais intimista, de confronto do eu infantil com os adultos, *Dentes de rato* (1987) de Agustina Bessa Luís; *Sonhos na palma da mão* (1990), de Luisa Dacosta, estabelece uma ponte subtil entre o real e os sonhos que povoam o sono das crianças; o desejo de independência e a amizade com animais como em *A surpresa* (1989) de Maria Natália Miranda; os sonhos, anseios e desilusões de novos e adultos, como acontece em *O rebanho perdeu as asas* (1987) de António Mota, autor com uma rara capacidade de agarrar em pequenos nada da vida e de os transformar em belíssimos textos. Por exemplo, nos contos que compõem volumes como *Abada de histórias* (1989) e *Segredos* (1996) retrata sobretudo breves episódios do mundo da infância; curiosamente, neste último título cruza um narrador exterior quando este se identifica com um adulto e um narrador interno/personagem, quando o ponto de vista é o de uma criança. Os pequenos nada que ajudam a construir o quotidiano são também tema de *Castelos de areia* (1995) de Natércia Rocha; *O retrato em escadinha* (1985), de Maria Alberta Menêres; ou em vários livros de Ilse Losa, escritora com uma vasta produção na área da narrativa, que tem procurado evidenciar, numa escrita enxuta mas cativante, as tais "fracções" decisivas de "vida" que caracterizam o conto. Leia-se *Um fidalgo de pernas curtas* (1979), *A visita ao padrinho* (1989), entre outros livros, e em todas estas histórias convivemos com personagens a um tempo vulgares e extraordinárias na sua capacidade de amar o próximo, e em que as interacções entre a criança e o animal assumem um lugar determinante.

Outra autora que se tem destacado na literatura para crianças e jovens, e cuja escrita denota uma preocupação particular pela **condição humana**, lançando um olhar especial sobre o mundo da infância, que encontra importante eco sobretudo na sua escrita poética, é Matilde Rosa Araújo. Livros como *O palhaço verde*, escrito ainda nos anos 60, *O sol e o menino dos pés frios* (1972), *Joana-Ana* (1981) ou *O chão e a estrela* (1994) são exemplos de títulos onde é possível encontrar narrativas que procedem quer a um "levantamento magoado de carências e angústias que afligem a infância, como a observação divertida dos pequenos nada que são a aguarela da vida" (Rocha: 1984:106).

Cruzando ainda temas que revelam preocupações da sociedade actual, temos uma reflexão sobre a **ecologia**, a **defesa do meio ambiente** ou as condições de vida na sociedade moderna. Estes aspectos são tema de contos como

Salpico (1989) de Manuela Alves, que ganhou o prémio "O ambiente na Literatura infantil" de 1988, livro onde se reflecte sobre o problema do ruído e da falta de comunicação nas grandes cidades; *Dario, sol nos olhos, pés no rio* (1977), de Maria Natália Miranda ou *Uma andorinha no alpendre* (1994) de Alexandre Perafita. Descobrir ainda, por exemplo, aspectos da vida e do quotidiano nas terras da província é a proposta das narrativas que constituem o volume *Histórias de Davidim* (1993) de Luís da Silva Pereira.

Outra das dominantes nesta forma narrativa consiste numa ficção criadora de **mundos de fantasia** ou "mundos secundários" (Swinfen, 1984). Esse mundo fantasioso pode ser preenchido por personagens e acontecimentos fabulosos, ou seja, situados para além do que é usualmente aceite como real e normal, mas devendo manter sempre uma lógica e uma forte consistência interna.

As **histórias de animais** constituem uma das principais vertentes da literatura de fantasia para os mais pequenos. Reconhecida a importância da personagem animal e na sequência de uma forte tradição da presença animal na literatura, a moderna fantasia oferece, na verdade, também um número significativo de histórias, sobretudo contos sobre/com animais. Com personagens que encarnam simultaneamente características humanas e qualidades próprias à sua condição de animal, as histórias de animais falantes suscitam uma forte adesão dos leitores mais novos.

A gama de sentimentos e situações aí apresentadas é vasta, e na literatura portuguesa encontramos numerosos exemplos deste tipo de narrativas; a sós, ou interagindo com figuras humanas, os **motivos temáticos** que encontramos nas histórias de animais cruzam preocupações várias. Em áreas mais centradas no próprio eu, refira-se *O elefante cor de rosa* (1974), de Luísa Dacosta, onde encontramos uma figura que procura lutar contra a solidão; nas várias histórias de bichos, escritas por Luísa Ducla Soares, assistimos sobretudo a processos de descoberta do verdadeiro eu em diferentes personagens, e de que "O caranguejo verde" constitui um exemplo paradigmático; em *O passarinho de Maio* (1990) de Matilde Rosa Araújo e *Rama, o elefante azul* (1982) de Isabel da Nóbrega, temos narrativas de crescimento; *O grilo verde* (1984) de António Mota, aborda o tema do direito à diferença e a liberdade do ser, também presente em *O veado florido* (1972) de António Torrado.

Nas narrativas de animais, as **interacções sociais** surgem também como um tema recorrente, assumindo feições diversificadas como a questão dos preconceitos, tratados em *A reboludinha* (1987) de Madalena Gomes; a amizade e a solidariedade percorrem também o volume *Aventuras de Dulcineia e Cecília* (1987) de Gorjão Duarte; a descoberta do mundo é ainda o tema dos pequenos contos que integram o volume *A casa da Floresta* (1994) de Violeta Figueiredo.

Como exemplo de narrativas que se centram em **objectos antropomorfizados** mas continuam a desenvolver temáticas de tratamento

recente poderemos citar *Aventuras do espantalho voador* (1987), de Fernando Bento Gomes, que aborda os problemas da guerra, ou ainda *O sétimo descarrilamento* (1985), de Maria Alberta Menéres e Carlos Correia, conto que remetendo para a problemática da ecologia (ganhou um dos prémios "O Ambiente na Literatura Infantil") se constrói com base na capacidade infantil de atribuir vida a objectos do seu quotidiano.

Cruzando aspectos da fantasia mais ligados à **ficção científica**, encontramos igualmente alguns contos caracterizados pela introdução de novas personagens, como o extraterrestre. *O búzio de nácar* (1981), de Carlos Correia; *O disco voador* (1989) de Luísa Ducla Soares e *Extraterrestre em Lisboa* (1993) de Leonel Neves são exemplos de narrativas que colocam em cena figuras de um espaço que não o nosso, mas cujos propósitos se vão articular com uma crítica a aspectos da nossa realidade: os males da guerra, a avidez pelo lucro e a necessidade de justiça social, ou a defesa do ambiente.

Frequentes vezes também, esta dimensão fantasiosa articula-se de forma **humorística** com a realidade, permitindo um olhar crítico sobre o real, reflectindo e revelando aspectos da natureza humana de um ponto de vista diferente. É o caso, por exemplo, do tema da diferença tratado por Luísa Ducla Soares, em *O rapaz magro e a rapariga gorda*, ou em *André-Topa tudo no país dos gigantes* (1992) de António Torrado; uma certa visão de um mundo "às avessas" povoado por animais falantes e figuras estranhas, em *O Tepluquê e outras histórias* (1995) de Manuel António Pina.

O **humor** encontra a sua expressão mais significativa exactamente em autores como António Torrado e Luísa Ducla Soares. António Torrado emerge como um dos nomes fundamentais da nossa literatura para crianças, com uma escrita que se destaca pela sua capacidade quase mágica de nos encantar. As obras que já mencionámos e a sua restante (e já vasta) bibliografia revelam-nos um autor que, com subtilidade, alerta o leitor para pequenos/grandes problemas da vida, em contos onde o humor surge com frequência, assumindo o lúdico, amiúde, um papel formativo, ao sugerir um olhar atento e interrogativo sobre o real. É o que se passa, por exemplo, com *O pajem não se cala* (1981) ou ainda em *O elefante não entra na jogada* (1985) que abordando a questão do desportivismo, trata-se de uma narrativa que efectua uma interessante troca de papéis: a certa altura, é nas bancadas que um verdadeiro "confronto" entre equipas se irá desenrolar.

2.2 A novela para crianças: um olhar sobre o real

Para leitores já numa fase próxima da adolescência, a **narrativa contemporânea** de ficção situa-se sobretudo no domínio do **real**. As personagens, os cenários, as situações construídas ancoram, de alguma forma, no que a realidade é, embora sejam elementos criados pela capacidade imaginativa de um autor. Em geral, tratam-se de textos que revelam, por vezes, já algum "fôlego"

narrativo, pela sua extensão e maior complexidade, integrando-se assim no género novela, que já caracterizámos brevemente. São também livros que podem estabelecer um diálogo importante com a criança ou o jovem, no sentido em que estes podem encontrar expressos nesses textos as suas próprias dúvidas, os seus mais íntimos pensamentos e interrogações.

Quando a minha irmã nasceu, o meu desapontamento foi tão evidente que a minha mãe, abafada entre lençóis e cobertores da cama do hospital, me disse:

– Ela vai crescer num instante!

Estas são as primeiras palavras do primeiro livro de uma autora que marca de forma decisiva a escrita para os mais novos neste final de século. Trata-se de Alice Vieira que com *Rosa, minha irmã Rosa* (1979) dava início a uma actividade de escrita que retrata, fundamentalmente, um universo infantil e juvenil, lançando um olhar particular sobre as relações e os sentimentos que unem os indivíduos. *Flor de Mel* (1986), *Úrsula, a maior* (1988), *Os olhos de Ana Marta* (1990), *Se chamarem por mim, digam que voei* (1997) são alguns dos seus últimos títulos que nos dão imagens de grande realismo e vivacidade dos sentimentos mais íntimos do mundo da infância e da adolescência, com uma particular incidência em personagens femininas.

Percursos semelhantes foram depois seguidos por outros autores, assumindo a forma diarística um recurso frequente neste domínio. Recurso que acaba, nomeadamente, por permitir liberdades de conteúdo e linguísticas que estavam praticamente ausentes do panorama português. Um *incipit* como o de *Diário de Sofia & C^a (aos 15 anos)*, publicado em 1994 por Luisa Ducla Soares, ou ainda a abertura de *Diário secreto de Camila* (1999) da dupla Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada são exemplos de orientações de escrita que apenas surgiram na nossa literatura infanto-juvenil nas duas últimas décadas.

Deram-me este Diário quando fiz anos. Tive tal desilusão quando o desembulhei, que me apeteceu atirá-lo ao caixote do lixo.

Um livro em branco, à espera que eu, que nem para ler tenho paciência, aí escreva a minha vida. Para algum dia algum bisbilhoteiro ficar a saber os meus segredos mais íntimos, se apanhar a chave. Era o que faltava!

Além disso «Diário» lembrou-se logo «caderno diário», essa praga em que todos os dias tenho de escrever as confidências aos setores. E os trabalhos de casa... (in *Diário de Sofia*)

2 de Novembro

As pessoas nunca sabem dizer em que momento é que se apaixonaram mas eu sei. Foi dez minutos antes de entrar no cemitério. Esta certeza pode parecer estranha. Talvez haja apenas uma flutuação de segundos, não mais, e o motivo é simples: enquanto a minha avó escolhia o ramo de flores da praxe, fui ao café da esquina comprar um gelado. [...] Foi nesse preciso momento que o vi e fiquei siderada. (in *Diário secreto de Camila*)

Na **novela**, esta opção frequente por uma narrativa de **primeira pessoa**, adoptando por vezes a forma de memórias, surge como um dos traços fundamentais, solicitando assim uma atitude de leitura específica e proporcionando uma maior identificação com os factos narrados. Um final feliz, ou pelo menos positivo, embora possa permanecer aberto, como atrás referimos, são também características da novela.

Na verdade, a generalidade das propostas dos autores portugueses situam-se na área do **realismo contemporâneo**, ou seja, com situações e personagens localizadas sobretudo no tempo presente. Esta constitui uma forma de suscitar um maior envolvimento e empatia face aos factos narrados. Neste tipo de narrativa, as crianças e os adolescentes encontram representados aspectos que de uma forma mais directa poderão caracterizar o seu quotidiano.

Nestes livros encontramos uma gama **temática** alargada e o reflectir de diferentes áreas conflituais – o individuo contra o seu eu, o individuo contra o outro, o individuo contra a natureza ou o individuo contra a sociedade – que procuram retratar os mais variados problemas do mundo contemporâneo. Tal facto tem originado o tratamento, na literatura infanto-juvenil, de temas ainda há pouco ausentes no panorama português, caso do racismo (Ana Saldanha com *Uma questão de cor*, 1995; Alexandre Honrado com *Os caçadores de cabeças*, 1994), dos problemas da emigração (Carlos Correia com *Alex, o amigo francês*, 1989), a questão da morte (Alice Vieira em *Os olhos de Ana Marta*, 1990), a difícil gestão da relação com os mais velhos (António Mota e *A casa das Bengalas*, 1995) ou o problema da dissolução das famílias (Graça Gonçalves com *Sobre a história de meus pais*, 1994), o despertar da sexualidade (Lidia Jorge em *A História do Nadador*, 1994), ou os receios aliados ao crescimento e o debate de novas questões como a droga e a SIDA (*Diário de Sofia & C^a aos 15 anos*, de Luisa Ducla Soares, 1994; *Doçura amarga*, de Ana Saldanha, 1997), de entre vários outros motivos temáticos recém-aparecidos. Uma temática que tarda em chegar à escrita para os mais novos mas que de alguma forma marcou a nossa sociedade é a questão da guerra colonial: exemplo solitário é o livro *A história do hidroavião* (1996) de António Lobo Antunes.

Algumas colecções, reunindo participação de diversos autores, enveredam mesmo por uma proposta concreta e sistemática em termos temáticos, como é o caso de "Terra Verde", da Verbo, que se propõe "sensibilizar a criança na defesa do património natural", segundo se pode ler na contra-capa dos diferentes volumes.

António Mota, com os títulos já citados e ainda *O rapaz de Louredo* (1983), *Pedro Alecrim* (1988), propõe-nos igualmente um olhar sobre o universo pré-adolescente, numa interessante vertente ruralista, que destaca as interacções entre jovens e adultos. Trata-se, na sua maioria, de narrativas enxutas, que não escondem as angústias, os medos e as dificuldades da vida, colocadas em destaque, por exemplo, na novela *Os sonhadores* (1991), ao estabelecer um confronto, através de uma extensa analepse, entre os desejos e sonhos juvenis e a realidade, por vezes amarga, da vida adulta.

3. Em jeito de balanço

Pelo que ficou dito, poderemos concluir que, na verdade, a escrita para os mais novos tem revelado nos últimos anos uma atitude mais aberta em relação à sociedade, de uma forma geral. Essa maior abertura tem possibilitado, assim, a presença efectiva do “mundo da criança”, nas suas diferentes vertentes – em que aspectos negativos da sua realidade, como a fome, os conflitos, o abandono não são ignorados... ou utilizados apenas com fins moralizadores – na literatura preferencialmente destinada aos mais novos. Imagens complexas e profundas da realidade e do processo de desenvolvimento psicológico da criança e jovem surgem retratadas nas obras mais recentes.

Como refere Gundel Mattenklott (1992: 30) a literatura para crianças tem reagido e dado voz a alterações significativas verificadas nas últimas décadas no mundo da infância, entre as quais se distinguem a mudança ao nível da família – a família actual é muitas vezes formada por uma única figura parental –, as dinâmicas inerentes ao processo de modernização da nossa sociedade e, finalmente, a influência dos multimedia. E se os novos livros abordam estes tópicos não o fazem com o intuito de duplicar os problemas nem de apresentar compensações alternativas, mas sim procurando que as crianças, ao compreender melhor os seus próprios problemas e os problemas do mundo em que vivem, possam por si ultrapassar receios e conflitos. São, de certa forma, um novo fio de Ariadne que poderá auxiliar a percorrer um mundo reconhecidamente labirintico.

Notas

“ Glória Bastos é assistente na Universidade Aberta, onde é responsável pelas disciplinas de “Didáctica do Português” e “Literatura Infantil e Juvenil”. Na sua investigação tem privilegiado as questões ligadas ao ensino da literatura e de livros para crianças e jovens. Das suas diversas publicações destacam-se *A escrita para crianças em Portugal no século XIX* (1997) e *Literatura Infantil e Juvenil* (1999).

¹ Cf. Maria de Fátima Bivar, *O Ensino primário e a ideologia*, Lisboa: Seara Nova, 1975 (2ªed.).

² Os anos 80 do nosso século XIX constituem um marco de fundamental importância no âmbito da história da Literatura Infantil em Portugal. Ao longo dessa década, quer ao nível da reflexão quer ao nível da produção literária, publicam-se textos essenciais para a nossa literatura infantil. A título meramente exemplificativo recordemos Adolfo Coelho com os seus *Contos nacionais para crianças* (1882) e *Jogos e rimas infantis* (1883); Guerra Junqueiro com *Contos para a infância* (1881) e *Tragédia infantil* (1887); Antero de Quental com *Tesouro poético da infância* (1883); Maria Amália Vaz de Carvalho e Gonçalves Crespo com *Contos para os nossos filhos* (1882), entre outros.

Referências bibliográficas

- BASTOS, Glória (1999), *Literatura infantil e juvenil*. Lisboa: Universidade Aberta.
- HUNT, Peter (1991), *Criticism, theory and children's literature*. London: Blackwell.
- MANZANO, Mercedes Gómez del (1987), *El protagonista-niño en la literatura infantil del siglo XX. Incidencias en el desarrollo de la personalidad del niño lector*. Madrid: Narcea.
- MATTENKLOTT, Gundel (1992), 'The world of the child in children's books - children's literature in the world of the child', Berlin, 23rd IBBY World Congress, pp. 27-38.
- ROCHA, Natércia (1984), *Breve história da literatura para crianças em Portugal*. Lisboa: ICAI.P.
- SILVA, Vitor Manuel de Aguiar e (1988), *Teoria da Literatura*. Coimbra: Almedina, 8ª ed.
- SWINFEN, Ann (1984), *In defense of fantasy*. London/Boston: Routledge & Keagan.